

A re-politização do Cinema Brasileiro

20

### 3º Congresso Brasileiro de Cinema: Plano Geral

Gustavo Dahl, setembro de 2002

Todo cinema nacional é um ato de resistência que tem como objetivo tornar-se auto-sustentável, por uma questão de direito econômico e dignidade cultural. Qualquer pessoa que produz uma imagem animada, isto é, dotada de alma, na intenção de comunicá-la ao outro, de reproduzi-la publicamente, queira ou não, entra num combate. Os enfrentamentos do século XXI são audiovisuais e já estão em curso. No mundo da imagem em movimento, não há inocência. A maneira de reproduzir a realidade e multiplica-la é simultaneamente um esforço de identificação e manifestação de uma tentativa de hegemonia. Mas para quem está do outro lado da faca é também e sobretudo um ato de afirmação, de defesa. A paz audiovisual se restringe às aparências. Conscientemente ou não, se está sempre fardado e á serviço. O espaço delimitado que se situa à frente da câmara é chamado de campo, como os de batalha. Paulo Emilio Salles Gomes e Glauber Rocha, capitães da pátria livre, sabiam disso.

Há dez anos atrás, os mecanismos e instrumentos de intervenção na atividade cinematográfica no Brasil, foram sucintamente liquidados e irremediavelmente comprometidos. Neste período não tão breve, os sucessivos governos se dispuseram a resgatar o cinema brasileiro. Ou a incentiva-lo. Tudo muito louvável e que assim continue. Mas nenhum dos governos enfrentou o fato de que a simples produção não gera demanda, nem que sem oferta não pode haver consumo. Numa década obsessionada pelo mercado, por conveniências variadas e de parte a parte, elidiu-se que o destino final da produção é a tela, qualquer que seja. Esqueceu-se que os filmes teriam que enfrentar um concorrente que controla 90% dos mercados mundial e brasileiro e mais ainda do seu próprio mercado interno, que de quebra é o maior do mundo. E paradoxalmente foi cobrada do cinema brasileiro uma performance de resultados que necessitaria minimamente de uma equitativa repartição do mercado entre o produto nacional e o estrangeiro. Se fosse geléia de mocotó, ninguém quereria investir numa fábrica que enfrentasse esta conjuntura. Afinal de contas, a economia é de mercado, o regime capitalista e a democracia, representativa. Hoje em dia, a situação inspira cuidados. É urgente trocar o velho paradigma que vê na simples produção a solução do cinema brasileiro, venham os recursos de onde vierem, por outro, o da auto-sustentabilidade. Segundo o novo paradigma, o filme brasileiro além de ser produzido tem que ser visto e para isso precisa ser distribuído e exibido. No Brasil, no mundo e sobretudo nos trinta e oito milhões de

GD1PJ 00149

aparelhos que constituem o universo econômico da televisão e da publicidade, nosso consumo de massa. Fora dele, ninguém está no mercado, não tem possibilidade de criar expectativas nem de erguer-se com seus próprios pés.

A idéia de realizar o 3º Congresso Brasileiro de Cinema, que há anos era um anseio parado no ar, se insere neste plano de fundo e transita pelos quarenta e sete anos que o separam do anterior. Na tradição política, um congresso é sempre um refluxo às bases, para avaliar o presente e balizar a ação futura, reforçando a coesão interna. Propor, discutir e propor de novo. Na tradição cultural brasileira, há congressos que sinalizaram o fim de ditaduras, a conclusão de fases, obrigando o Estado e a Sociedade a se moverem. A interlocução institucionalizada é fator de desenvolvimento. Para uma possibilidade de crise que vai pelo emperramento na captação de recursos, pela interrupção dos processos de filmagem ou finalização, pelo desemprego crescente no setor, pelas dificuldades de equacionamento e atuação a nível governamental, pelo esquecimento do cinema cultural, pela desnacionalização da exibição cinematográfica, pela mudança das relações de poder na televisão, pelo estabelecimento definitivo de mega-grupos multinacionais de indústria do entretenimento, telecomunicações e informática. A história do cinema brasileiro ensina que ele vive por ciclos, também chamados de surtos. É desta fragilidade estrutural, característica da nossa atividade, que temos todos que nos ver livres. Até mesmo porque conhecemos a força e a beleza do que foi possível fazer a partir dela: o cinema brasileiro. É importante não esquecer o geral. O plano geral, em seus vários sentidos. E cabe a nós, no 3º Congresso Brasileiro de Cinema. O futuro tem data marcada.

-X-X-X-X-X-X-X-X-